



Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





VICENTE DE CARVALHO

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

ROSA, ROSA DE AMOR...

POEMA

NOVA EDIÇÃO

SÃO PAULO

1923

Desta edição fo-  
ram tirados em  
papel de linho  
500 exemplares  
todos numera-  
dos e rubricados  
pelo sector.

391

g. f. a. n. s. i. o. n. a. f. a. n. a. l. l.  
eritor

“Com o *Rosa, rosa de amor...*, o nosso lirismo romantico-amoroso toma um novo aspecto, talvez o mais interessante, e por certo, o mais suave de todos.

O que distingue Vicente de Carvalho, ahí, é principalmente a sua sensibilidade finissima e a sua imponderavel delicadeza de expressão. Não ha nelle um vestigio sequer do vehemente erotismo, tão tropical, tão nosso, de resto, que faz de muitos, da maior parte dos versos de Olavo Bilac, por exemplo, como que appelos de Faunos insaciaveis...

Os seus cantos de amor não se revestem, nunca, de exuberancias vocabulares, de referencias atrevidas a

seios e braços nús, nem de escabrosas metaphoras provocantes.

Vicente de Carvalho, neste livro, é um irmão retardatário de Bernardim Ribeiro. Eis, sem duvida, a affirmativa que melhor lhe define o temperamento. Surprehendente, em verdade, o laço de parentesco espiritual que se estabelece, através de mais de cinco seculos, com uma força irresistivel, entre os periodos comovidos da *Menina e Moça*, e as estrophes tão emocionantemente sonoras da *Rosa, rosa de amor...*

Pela profunda e leve candidez da concepção; pela espiritualidade por assim dizer ambiente, nas suas paginas; pela ingenua, prestigiosa franqueza que o torna transparente e pela aza harmoniosa de sentimento que lhe dá vida, pelos seus traços mais distinctivos, em summa, o *Rosa, rosa de amor...* não é da idade, nem do logar em que surgiu, com o esplendor excepcional dum contraste...

E' até certo ponto,—póde-se affirmar sem impropriedade,—um phenomeno de atavismo literario. Nelle, Vicente de Carvalho é menos um brasileiro do que um portuguez, mas portuguez antigo, portuguez contemporaneo de D. Manuel, o Venturoso.

Para completar a illusão dessa contemporaneidade maravilhosa, o artis-

ta admiravel tem ainda a sua grande, a sua viva predilecção pelo mar, não só pelo mar em si mesmo, como pelo que o mar vagamente e irresistivelmente promette, de imprevisto, de glorioso e de heroico: os descobrimentos, as conquistas, os naufragios, a morte entre ondas ineditas e altas... A sua alma é a dum lusiada camoneano, daquelles formidaveis belluarios de vagalhões, que se não apavoraram nem mesmo deante da "disforme e grandissima estatura" de Adamastor...

Singularmente immunisada, a inspiração de Vicente de Carvalho funcionou insensivel ás influências do meio e do momento. Foi como si, ao compor o poema, se tivesse transferido, pelo milagre do sentimento, numa regressão phantastica, para a época a que pertence o seu espirito de onde voltou trazendo, crystallisado em versos, o reflexo dalgumas das tendencias romanticas mais adoraveis.

*Rosa, rosa de amor...* não é, pois, o que se costuma chamar um livro actual. Está mesmo duplamente deslocado, nesta zona e neste seculo... Mas isso não o prejudica em coisa alguma. Pelo contrario: dá-lhe até um accrescimo inesperado de valor.

Vive, plenamente, a vida magnifica da belleza pura e a sua inactua-

lidade typica é o melhor elogio da delicadeza de emoção do grande poeta paulista.

O amor, ideado ou vivido, geralmente, só produz obras d'arte notaveis quando é desgraçado, quando soffre. Isto ganhou, já, a apparencia de um axioma. Era, talvez, a intuição dessa lei que fazia a apaixonada e peccadora reclusa do Convento da Conceição, na Beja, escrever ao futil senhor de Chamilly, ha duzentos e tantos annos, este pedido allucinado: "Ama-me constantemente e faze-me padecer inda maiores males"...

No radioso romance de Gabriele D'Annunzio, *Forse che si forse che no*, uma das personagens principaes, Isabella Inghirami, cujo "viso era il viso stesso dell' amore, malato d'angoscia, simile a un fuoco che sotto la pioggia svenga e non si spenga", — Isabella reproduz, como um éco, a recommendação da freira portugueza: "L'amore ch'io amo, é quello che non si stanca di repetere: fammi piú male, fammi sempre piú male!"

O amor feliz é uma banalidade burgueza. Nivelá-se á chatice quotidiana. E', por certo, o supremo ideal da vida domestica. Mas, é quasi de todo inutil para a Arte.

Nas literaturas, principalmente, a felicidade amorosa apenas occupa os pontos subalternos. Nos vertices, bri-

lham, duma luz triste, mas eterna, dolorosamente empolgantes, todos os que, como Francesca da Rimini, na deslumbradora epopeia dantesca, pôdem dizer que tingem o mundo com as suas lagrimas e com o seu sangue.

“Noi che tignemmo il mondo de sanguigno...”

Vicente de Carvalho, nesse sentido, não pensa, não parece pensar de outro modo.

Por isso, na sua obra, em prosa, ou em verso, o Amor, archeiro formidavel, si não chega a produzir aquelle extranho desejo, — *il desiderio de morir*, — de que trata o amargurado Giacomo Leopardi, é sempre, entretanto mais ou menos, um synonymo euphemico de soffrimento.

O amor doloroso conta nas letras portuguezas, d'aquem e d'além Atlantico, innumeradas composições de merito inconfundivel.

Afóra outras menos celebres, menos conhecidas, ha o episodio classico de Ignez de Castro, a “linda Ignez” que depois de morta foi rainha, e cujo ruidoso infortunio espalha tintas imprevistas de doçura e de piedade por entre as narrativas heroicas do canto terceiro dos *Luziadas*. Ha o *Eurico*, do prodigioso Alexandre Herculano. Ha o soluçante *Amor de perdição*, de Camillo Castello Branco. Ha o *Constança*, poema, em versos brancos, de Eugenio de Castro, e

que apaga, quasi, aquella auréola transfiguradora pósta em torno da "cóllo de garça", a tragica amante de D. Pedro, pelos decasyllabos perpetuos de Camões.

Nenhuma dessas, porém, nem uma só consegue despertar o gráo de emoção subtillissima que se evola, (é aqui, o unico vocabulo proprio), que se evola da "Menina e Moça", das cinco cartas de Amor de Soror Mariana do Alcoforado, e desta quasi immaterial, desta triste *Rosa, rosa de amor...* que, indiscutivelmente, encerra muitos dos melhores versos passionaes até agora escriptos em nossa lingua e alguns dos mais finos, mais fascinantes da literatura universal."

(*Vultos do meu caminho.*)

JOÃO PINTO DA SILVA.

*Rosa, rosa de amor purpurea e bela,  
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?*

**GARRET.**



**I**

**OLHOS VERDES**



Olhos encantados, olhos côm do mar,  
Olhos pensativos que fazeis sonhar!

Que formosas coisas, quantas maravilhas,  
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo:  
Córtes pitorescos de afastadas ilhas  
Abanando no ar seus coqueiraes em flôr,  
Solidões tranquilas feitas para o beijo,  
Ninhos verdejantes feitos para o amor

Olhos pensativos que falais de amor!

Vem caindo a noite, vai subindo a lua.  
O horizonte, como para recebê-las,  
De uma fimbria de oiro todo se debrua;  
Afla a brisa, cheia de ternura ousada,  
Esfrolando as ondas, provocando nelas  
Bruscos arrepios de mulher beijada...

Olhos tentadores da mulher amada!

Uma vela branca, toda alvor, se afasta  
Balançando na onda, palpitando ao vento;  
Eil-a que mergulha pela noite vasta,  
Pela vasta noite feita de luar;  
Eil-a que mergulha pelo firmamento  
Desdobrado ao longe nos confins do mar..

Olhos scismadores que fazeis scismar!

Branca vela errante, branca vela errante,  
Como a noite é clara! como o céu é lindo!  
Leva-me contigo pelo mar... Adeante!  
Leva-me contigo até mais longe, a essa  
Fimbria do horizonte onde te vais sumindo  
E onde acaba o mar e de onde o céu começa...

Olhos abençoados, cheios de promessa!

Olhos pensativos que fazeis sonhar,  
Olhos côm do mar!

II

MANHÃ DE SOL



Na sombra do murtal, cujas flôres a leve  
Aragem desgrinalda em turbilhões de neve,  
Ela vagueia a sós. . . E como vai formosa!  
Tem como uma frescura orvalhada de rosa  
Na face... Em seu sorriso amanhece. E' tão brando  
O seu pisar, que o chão o acolhe suspirando.  
—Eis o sol!—canta uma ave ao fitar-lhe a retina...  
E por onde ela passa a sombra se ilumina.

Descuidada e feliz, entre as arvores, ela  
Erra á toa. Sorrindo, as aves interpela.  
Corre de flôr em flôr, salta de moita em moita.  
Ora entre a ramaria o olhar travesso afoita

E tenta surpreender o segredo de um ninho;  
Ora scisma, fitando o vago desalinho  
Em que toda palpita, em que se entrega toda,  
A folhagem que o vento acaricia . . . Em roda,  
Em tudo, vê um ar festivo de noivado.  
Cada flôr abre ao sol o calice orvalhado,  
Humido como um labio em que poisasse um beijo...

E o seu passo é subtil, e erra como um adejo.

Surpreendo-a. Ela estaca, assustada, indecisa;  
Mal com os pésinhos nús o chão musgoso pisa  
Num ar de jurití prestes a abrir o vôo.  
Tomo-lhe as mãos; baixinho, ao seu ouvido, então  
A atrevida canção do amor que tudo pede,  
Do amor que não é mais do que um furor de sede,  
Que é o amor afinal. . .

Toda a sua alma escuta,  
Todo o seu corpo treme. Amante e irresoluta,  
Quer ceder, e resiste; abraza, e não se atreve. . .  
E de subito, como a corça arisca e leve  
Que sente o caçador e ouve silvar a bala,  
Ela das minhas mãos bruscamente resvala,

Salta, foge-me.

Em vão. Salto-lhe empós; não tomba  
Mais faminto um abutre em cima de uma pomba.  
Ela, sem rumo, vai e erra ao acaso, numa  
Vaga trepidação, como ao vento uma pluma.  
E o seu passo recorta o chão, que abaixa e alteia  
Aqui um charco, adeante um cómoros de areia.

Aos poucos, a carreira afrouxa. Em cada passo  
Mais e mais ela mostra a angustia do cansaço.  
Arfa-lhe o seio; perde o folego; tropeça;  
Pára.

Alcança-a meu beijo. O noivado começa.



III

HORAS DE AMOR



Só vivo as horas que passo  
Junto de ti, meu amor,  
Tua cintura em meu braço,  
Meu beijo em tua boca em flôr . .

Só assim vivo, querida,  
Pois tudo mais não é vida.

\*

Ventura que mal goteja,  
Triste do amor que se esconde,  
E só acha de onde em onde  
Um acaso que o proteja;

Só alcanço o teu carinho  
Nesta sombra de folhagem,  
Onde, como ave selvagem,  
Nosso amor tem o seu ninho.

Por entre as moitas vagueio,  
Caminho, páro, indeciso. . .  
Virás ou não? E agoniso  
Entre a esperança e o receio.

Por toda a floresta, cheia  
De um rumor vago e perdido,  
Cuido escutar o ruído  
Dos teus pésinhos na areia.

Volto-me sobresaltado  
Só porque uma ave deteve  
O vôo, e um ramo, de leve,  
Estremeceu ao meu lado.

E enquanto na sombra curto  
Essa impaciência hesitante,  
Por ternuras de um instante,  
Por beijos dados a furto,

Cheio de inveja reparo  
Nas borboletas que em bando  
Passam felizes, amando  
Na plena luz do sol claro . . .

Ventura que mal goteja,  
Triste do amor que se esconde,  
E só acha de onde em onde  
Um acaso que o proteja.

Amor que a sombra encarcera,  
E foge ao sol e às estradas.  
Fossemos nós de mãos dadas  
Pela vida e a primavera!

De subito, ouço teus passos:  
D'entre folhagens de arbusto  
Olhas, tremula de susto,  
Caes palpitante em meus braços.

E como a cançada abelha,  
Que suga a flôr, e adormece,  
Meu beijo poisa, e se esquece  
Em tua boca vermelha.

Lógro só de espaço a espaço  
Algum momento de amor,  
Tua cintura em meu braço,  
Meu beijo em tua boca em flôr.

Ai, eu só vivo, querida,  
Pedacos da minha vida.

**IV**

**PRIMEIRA SOMBRA**



—Mal me quer.. bem me quer...

—Será preciso

Que uma flôr assegure o que digo e tu vês?

O meu olhar, poisando em teu sorriso,

Mostra-te que és amada e adivinha què o crês.

—Mal me quer.. bem me quer...

—E, comovida,

Tremes, como esperando uma sentença atroz...

Supões que espalhe a noite em nossa vida

A sombra de uma flôr perpassando entre nós?

—Malmequer...Malmequer...Desde hontem quando  
Faltaste, adivinhei tudo que a flôr me diz.  
Tenho-te junto a mim e fito-te chorando;  
Beijas-me ainda, e já não sou feliz.

Sinto que és meu, aperto-te em meus braços,  
E, no pavor de um sonho angustiado e sem fim,  
Ouço como um rumor fugitivo de passos  
Que te afastam de mim.

Dize que estou sonhando, que estou louca!  
Jura que sou feliz, que os teus dias são meus,  
E que o beijo que ainda orvalha minha boca  
Não é tua alma que me diz adeus.

A amorosa doçura do teu verso  
Ecoou em minha alma; em teu verso aprendi  
A soletrar o amor, o Amor — esse universo  
Radioso, imenso, e resumido em ti.

A tua voz chamou-me; eu escutei-a  
E segui-a, ditosa, a sorrir e a sonhar...  
Fala-me ainda de amor! Não te cales, sereia  
Que me atraíste para o azul do mar!

Minha alma, envolta em trapos de mendiga,  
Vai seguindo, no chão, do teu passo o rumor.  
Não me deixes! Serei a sombra que te siga,  
Sem indagar onde me leva o amor.

Não me abandones! Ama-me! A risonha  
Aurora inunda o céu todo afogado em luz.  
Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me! Sonha,  
Poisada a frente nos meus seios nús!

Que alegre madrugada côr de rosa,  
Ser amada por tí, claro sol que tu és!  
Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, gosa  
Toda esta primavera estendida a teus pés.

Bem amado que, como um passaro num ramo,  
Vieste acaso poisar o vôo no meu seio,  
Não me deixes! Eu quero ouvir ainda o gorgoeio  
Em que teu beijo é que dizia: "Eu te amo!"



V

A FONTE E A FLÔR



“Deixa-me, fonte!” Dizia  
A flôr, tonta de terror.  
E a fonte, sonora e fria,  
Cantava, levando a flôr.

“Deixa-me, deixa-me, fonte!”  
Dizia a flôr a chorar:  
“Eu fui nascida no monte.  
“Não me leves para o mar.”

E a fonte, rápida e fria,  
Com um sussurro zombador,  
Por sobre a areia corria,  
Corria levando a flôr.

“Ai, balanços do meu galho,  
“Balanços do berço meu;  
“Ai, claras gotas de orvalho  
“Caidas do azul do céu!. ”

Chorava a flôr, e gemia .  
Branca, branca de terror,  
E a fonte, sonora e fria,  
Rolava, levando a flôr.

“Adeus, sombra das ramadas,  
“Cantigas do rouxinol;  
“Ai, festa das madrugadas,  
“Doçuras do pôr do sol;

“Carícia das brisas leves  
“Que abrem rasgões de luar.  
“Fonte, fonte, não me leves,  
“Não me leves para o mar!. ”

\*

As correntezas da vida  
E os restos do meu amor  
Resvalam numa descida  
Como a da fonte e da flôr.

**VI**

**DESILUDIDA**



Sou como a eorça ferida  
Que vai, sedenta e arquejante,  
Gastando uns restos de vida  
Em busca da agua distante.

Bem sei que já me não ama,  
E sigo, amorosa e aflicta,  
Essa voz que não me chama,  
Esse olhar que não me fita.

Bem reconheço a loucura  
Deste amor abandonado  
Que se abre em flôr, e procura  
Viver de um sonho acabado;

E é como a corça ferida  
Que vai, sedenta e arquejante,  
Gastando uns restos de vida  
Em busca da água distante:

Só, perdido no deserto,  
Segue empós do seu carinho;  
Vai-se arrastando. e vai certo  
Que morre pelo caminho.

**VII**  
**SAUDADE**



Belos amores perdidos,  
Muito fiz eu com perder-vos ;  
Deixar-vos, sim : esquecer-vos  
Fôra de mais, não o fiz.

Tudo se arranca do seio,  
—Amor, desejo, esperança .  
Só não se arranca a lembrança  
De quando se foi feliz .

Roseira de tanta rosa,  
Roseira de tanto espinho,  
Que eu deixei pelo caminho  
Aberta em flôr, e parti:

Por me não perder, perdi-te;  
Mas mal posso assegurar-me  
—Com te perder e ganhar-me,  
Si ganhei, ou si perdi . . .

**VIII**  
**SERENATA**



Pela vasta noite indolente  
Voga um perfume estranho.  
Eu sonho. É aspiro o vago aroma ausente  
Do teu cabelo castanho.

Pela vasta noite tranquila  
Pairam, longe, as estrelas.  
Eu sonho. O teu ohar também scintila  
Assim, tão longe como elas.

Pela vasta noite povoada  
De rumores e arquejos  
Eu sonho. É tua voz, entrecortada  
De suspiros e de beijos.

Pela vasta noite sem termo,  
Que deserto sombrio!  
Eu sonho... Inda é mais triste, inda é mais ermo  
O nosso leito vasio.

Pela vasta noite que finda  
Sóbe o dia risonho...  
E eu cerro os olhos para ver-te ainda,  
Ainda e sempre, em meu sonho.

**IX**

**O DIA SEGUINTE DO AMOR**



Aves fugidias que passais em bando  
Pelo azul da tarde, sobre o azul do mar,  
Aves fugidias que passais cantando,  
Que fazeis? Passar.

De repente surgis. No vasto céu  
Um turbilhão de alvura de repente cresce;  
Passa, afasta-se e ao longe, e como apareceu  
Desaparece.

Brancura macia de plumas, rumor leve  
De azas que ruflam de vagar,  
Passais como flocos de neve  
Que sussurram no vento e se desfazem no ar.

De tudo isso que resta? Um quasi nada: apenas  
    Em meu olhar distraido  
A vaga impressão de uma alvura de penas,  
E o éco de um rumor cantando em meu ouvido.

Sonhos de amor, perfumados  
Do aroma da flôr da laranjeira,  
Botões de rosa desabrochados  
Em goivos, desfeitos na lama e na poeira;

Sonhos do olhar namorado  
Ao descobrir, como um triunfador,  
Todo enlevado, todo enlevado,  
Que uns seios de marmore arquejam de amor;

Sonhos do ouvido, escutando  
O ingenuo amor que se revela emfim  
Involuntariamente, quando  
Em frases que negam a voz diz que sim;

Sabor do primeiro beijo  
Que mal poisa, medroso, leve, leve,  
Num rosto virgem onde o pejo  
Semeia de rosas brancuras de neve;

Sonhos de amor, sois como a rosa  
Que, nem bem colhida,  
Perde a frescura que a tornou formosa,  
Perde o perfume que a tornou querida.

Primavera vivída

De amar e ser amado aos vinte anos em flôr,  
Entrada triunfal do coração na vida,  
Amor, amor, amor!

Rápida travessia

De um mar azul, rasgado entre rochedos nús  
Nos quaes se ignora o amor, ou a alma se enfastia...  
Região lavada em luz

Entre esses dous extremos

Tão proximos—o olhar que ainda não sabe ver  
E o que vê—triste fim dos encantos supremos!—  
O que vale a mulher;

Miragens do desejo, enlevos da esperança,  
Só é feliz o amor que espera e não alcança.

Infinita doçura, inegalavel coisa,  
Contacto delicioso, inefavel pressão,  
Da mão amada quando encontra a nossa mão  
E, brandamente, e como achando um ninho, poisa ;

O' labios da mulher palpitantes de amor,  
O' labios que humedece o orvalho do desejo,  
Doces labios servis onde abotôa o beijo,  
Prestes a se deixax colher como uma flôr ;

O' seios brancos onde a paixão, a ofegar,  
Chama a paixão, atrai a carne, acena ao goso ;  
O' seios brancos onde uns olhos de amoroso  
Vêm reflexos do céu na ondulação do mar ;

Encantos da mulher amada; comovidos  
Deslumbramentos; gosto indizível, sabor  
Da única hora feliz de toda a vida; amor,  
Sonho em que a alma é que sente o gozo dos sentidos;

No coração que de vós se alvoroça  
Resplandeceis, miragens, enganos,  
De uma luz que não é vossa . .  
Que é só dos nossos vinte anos .

Tremulas maretas que passais boiando  
Pela flôr das ondas nos parceis do mar;  
Tremulas maretas que alvejais cantando,  
Que fazeis? Passar.

De repente surgis.. No mar sem fim  
Um turbilhão de alvura de repente cresce;  
Passa; afasta-se; e como apareceu, assim  
Desaparece.

Brancura brilhante de espumas, sons velados  
Da agua no açude de um pomar,  
Passais, desfeitos, desmanchados  
Na tristeza sonora das ondas do mar.

De tudo isso que resta? Ai! Quasi coisa alguma:

Em meu olhar distraído

A vaga impressão de alguns flocos de espuma

E o éco de um rumor cantando em meu ouvido...

**X**

**ULTIMA CONFIDENCIA**



—E si acaso voltar? Que hei de dizer-lhe, quando  
Me perguntar por ti?

—Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando...  
Nessa tarde parti.

—Si arrependido e ancioso ele indagar: “Para onde?  
Por onde a buscarei?”

—Dize-lhe: “Para além... para longe...” Responde  
Como eu mesma: “Não sei.”

Ai, é tão vasta a noite! A meia luz do ocaso  
Desmaia... Anoiteceu.

Onde vou? Nem eu sei... Irei seguindo ao acaso  
Até achar o céu.

O céu... E que me importa a mim saber si o termo  
Do meu caminho é lá?  
Só quero o seu amor. De que vale um céu ermo  
Onde ele não está?

Eu cheguei a supôr que possivel me fosse  
Ser amada—e viver.  
E' tão facil a morte... Ai, seria tão doce  
Ser amada. e morrer!...

Ouve: conta-lhe tu que eu chorava, partindo,  
As lagrimas que vês.  
Só conheci do amor, que imaginei tão lindo,  
O mal que ele me fez.

Narra-lhe transe a transe a dor que me consome.  
Nem houve nunca igual!  
Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome  
No soluço final!

Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a boca  
Que o seu beijo não quiz:  
Golfa-me em sangue, vês? E eu, murmurando-o, louca!  
Sinto-me tão feliz!

Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quasi o odeio  
Ocultá-lh'o... Senhor!

Eu morro! Amava-o tanto ... Amei-o sempre ... Amei-o  
Até morrer... de amor.

---



**Composto e Impresso  
nas Oficinas da  
Imprensa Methodista**

**Rua da Liberdade, 117**



Composto e Impresso  
nas Officinas da  
Imprensa Methodista

Rua da Liberdade, 117



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).